

## **É PORQUE TÁ NA MÍDIA: REPRESENTAÇÕES DE CORPOS COMPONDO IMAGINÁRIOS JUVENIS SOBRE BELEZA E FEIURA**

Carla Gillyane S. Nascimento – UFAL<sup>1</sup>

Angélica Silvana Pereira – UFAL<sup>2</sup>

Esta comunicação é parte de um trabalho de conclusão de curso já finalizado que teve como objetivo analisar as representações de corpos belos presentes nas narrativas de jovens estudantes de uma escola pública de Maceió/AL/Brasil. Num cenário cultural e social que coloca a disposição e em ampla circulação através da mídia uma espécie de “corpo ideal”. Este tema de pesquisa torna-se relevante à medida que estas representações de corpos passam a ser incorporadas em práticas diversas dos jovens, bem como nas formas de ver-se e de ver o outro, configurando-se num elemento importante nas suas formas de sociabilidade. Buscou-se olhar para as representações de corpos belos no cenário escolar por entender-se que a escola é um dos espaços de grande importância na produção de identidades e de subjetividades dos sujeitos que a habitam, principalmente de crianças e de jovens. Além disso, ela é um espaço privilegiado de representações diversas que extrapolam os seus muros. O trabalho está ancorado na interlocução entre o campo dos Estudos Culturais com ênfase nas análises em educação, nos estudos sobre juventude e em algumas discussões contemporâneas sobre corpo e sobre mídia. A metodologia utilizada para as incursões no campo de pesquisa baseou-se na pesquisa qualitativa e consistiu na produção de bricolagens, através das quais os jovens construíram imagens de corpos belos e na composição de um grupo de conversa, no intuito de captar narrativas dos referidos jovens sobre o tema de investigação. As análises mostraram que os jovens que participaram do estudo mostraram-se capturados, de um modo ou de outro, em maior ou menor intensidade, por alguns discursos midiáticos sobre beleza e saúde, geralmente relacionados aos corpos magros, brancos [ou embranquecidos], sarados, delineados, etc., tornando evidente a atuação pedagógica da mídia em suas vidas. Assim, constatou-se que estes jovens estão cercados por determinadas representações de corpos belos, tornando-se difícil pensar em outros referenciais de beleza. Identificou-se também que estes referenciais de beleza estão associados às pessoas famosas do mundo das telenovelas, de outros programas de televisão, das passarelas da moda e do mundo do futebol. Desse modo, estas representações estão implicadas numa produção da diferença que desqualifica sujeitos cujos corpos destoam dos modelos de beleza em circulação, potencializando ainda mais o corpo tido como ideal e produzindo imaginários de beleza e de feiura.

**Palavras-chave:** Jovens. Representações culturais. Corpos.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE/UFAL) e integrante do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação* (PPGE/UFAL). E-mail: gillyanecleo@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação* (PPGE/UFAL). E-mail: angelicagp2004@yahoo.com.br

## Introdução

Este trabalho é fruto de todo um processo formativo constituído na graduação em pedagogia, porque ele é a “prova” das coisas que fomos aprendendo a olhar e, que antes não eram tão nítidas. Sabe-se que um olhar pode desvendar as minuciosas relações dos espaços, dos sujeitos e suas práticas, bem como instrumentalizar o pensamento para enveredar-se por caminhos não muito fáceis, mas que são imprescindíveis para a compreensão do mundo contemporâneo. Por esses caminhos percorridos deparando-nos com um universo escolar para o qual pouco se olha e sobre o qual, pouco se fala, mas que cotidianamente faz parte da vida dos jovens alunos, tais como as coisas que sabem, as coisas que gostam, que acreditam, que desejam.

Acreditamos que o universo contemporâneo das culturas deságua em múltiplos territórios sem distinção de espaços e lugares e as pessoas são alcançadas por um turbilhão de informações, conhecimentos e representações<sup>3</sup> através de discursos e imagens circulantes na mídia. Assim, a mídia opera nas vidas dos sujeitos pedagogicamente<sup>4</sup> ao trazer orientações, ensinamentos que nos subjetivam num movimento incessante de tentativas de captura de seu público, principalmente quando este público é composto por crianças e jovens que são presas fáceis de uma diversidade de imagens sedutoras que conseguem interpelar, provocar, e por fim acaba por subjetivar os indivíduos.

Desse modo, entendemos que os jovens estão no centro das questões que envolvem o corpo, na medida em que eles são alvos de inúmeras produções midiáticas que colocam em ampla circulação um determinado modelo de corpo a ser perseguido e desejado. Geralmente este modelo está relacionado com alguns entendimentos sobre “ser jovem”, ou seja, está atrelado a ideia de um corpo disposto, cheio de energia, mas, principalmente, sem sinais de envelhecimento. Poucos minutos em frente à televisão é o suficiente para perceber que estes corpos ideais são portadores de atributos tidos culturalmente como juvenis.

Esta discussão sobre representações de corpo dos jovens é um tema provocante, principalmente quando se faz algumas aproximações com o campo de estudos sobre juventudes que muito contribuiu para olhar os jovens como sujeitos a serem incansavelmente capturados pela cultura do consumo, uma vez que eles estão na mira de investimentos de

---

<sup>3</sup> Neste estudo tomamos o sentido de *representação* dos Estudos Culturais, o qual está relacionado com a produção e a circulação de significados sobre as coisas e as pessoas.

<sup>4</sup> A ideia da mídia como pedagogia está pautada no entendimento que outras instâncias culturais para além da escola, também educam ao ensinarem modos de pensar, de ser, de ver o mundo. São as chamadas pedagogias culturais, das quais fazem parte as pedagogias da mídia, ou seja, os ensinamentos, os valores, as atitudes que a mídia coloca em circulação, os quais podem ser apreendidos pelas pessoas.

discursos diversos, como os midiáticos e os institucionais, entre eles, a escola. Então, percebemos a importância não somente de contemplar os efeitos e repercussões da mídia na vida dos jovens, mas também atentar para esses efeitos apreendidos pelos sujeitos jovens dentro da escola porque a mídia ultrapassa e adentra os muros dessa instituição que, historicamente, tem como desígnio a “civilização”. Já que a escola na contemporaneidade é um espaço polissêmico e plurifacetado que é uma produção das marcas do tempo que vivemos e das práticas tidas como exteriores, pois a compreensão da escola como um reduto fechado, onde as provocações externas não adentram desvaneceu-se até porque elas impõem, transgridem a ordem, desviam os focos e roubam a cena.

Por isso consideramos este espaço “caro” merecendo um olhar não somente para práticas específicas daquele contexto, mas também para práticas e situações que extrapolam os muros escolares, e que, concomitantemente, “invadem” a escola, e por isso, são representações que não estão fora dela: estão dentro, compondo o seu cotidiano, tecendo relações entre os sujeitos. Então, quando afirmamos que a escola é um espaço rico para ser analisado ponderamos que esse espaço é composto de significações e ressignificações que estabelecem várias relações em sua dinamicidade, práticas, discursos e condições que não podem ser ignoradas.

No intuito de compreender as representações culturais dos jovens do Ensino Médio sobre corpos belos, pensamos em algumas estratégias de pesquisa que pudessem trazer a tona estas representações, através da produção de imagens pelos próprios jovens e através de grupos de conversa sobre o tema do estudo. Logo, procuramos problematizar as imagens e as falas produzidas pelos jovens para perceber a proporção dos discursos midiáticos que acabam constituindo os valores culturais destes sujeitos, ao discursar hegemonicamente sobre um padrão de beleza que estes são levados a desejar e buscar, sob o risco de serem rotulados e nomeados com palavras cujos significados são pejorativos. Os jovens que colaboraram com este trabalho são estudantes de Ensino Médio de uma escola pública estadual e vivem num bairro periférico de classe baixa na cidade de Maceió. Para tal, apoiamo-nos em teorizações provenientes dos Estudos Culturais (EC), especialmente naquelas que articulam este campo de estudos com a educação, além de algumas discussões contemporâneas sobre corpo, identidade, diferença e sobre mídia.

**Olha! Os jovens contemporâneos...**

Podemos dizer que os jovens que habitam a escola contemporânea são, em grande parte, os mesmos que colocam sob rasura o tradicional conceito de juventude, baseados quase que exclusivamente na etarização. Enfatizamos que diante das frenéticas transformações nos modos de vida contemporâneos e das transformações no âmbito da cultura e nos arranjos sociais, o conceito de juventude apoiado em definições etárias e biológicas tem sido complexificado. Ser jovem já não é mais uma definição unívoca e estável, requerendo um olhar mais aguçado para esta categoria em seus diferentes contextos de atuação. É uma ignorância a insistência em contemplar o jovem por meio de uma norma que objetiva moldar os sujeitos até que tudo aparente uma só concentração, ou seja, a homogeneidade, um conjunto de pessoais “normais” que compartilham das mesmas práticas, gostos e valores. Entretanto, cabendo uma obviedade que a contemporaneidade amostra, as juventudes são e devem ser enxergadas por lentes reais e claras que não permitem o “embaçamento”, mas ilustrar o que pode ser visto, assim a pluralidade é uma marca pertencente a estes sujeitos. Portanto, torna-se imprescindível “compreender suas práticas e símbolos como manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão de mutações ocorridas no processo de socialização” (DAYRELL, 2007, p.1107). Estas manifestações não são homogêneas, elas são produzidas pelas múltiplas influências e constituições sociais. A lente da cultura é uma decorosa estratégia para se aprender a olhar os jovens, porque esta expõe a necessidade de uma flexibilidade para se contrapor ou suspeitar a qualquer tipo de modelação que se tenta imprimir nos sujeitos.

Se, consultarmos o dicionário o conceito de juventude encontrará as seguintes denominações clássicas – a juventude atrelada à jovialidade, entusiasmo, disposição, mocidade, inexperiência, imprudência, idealismo e rebeldia. Podemos perceber que essas concepções são incompletas “mistificando” os jovens num sentido negativo, ou seja, a produção de estereótipos. Essas produções impedem que a juventude seja contemplada numa direção mais total. Nas pesquisas recentes têm-se ido contra a concepção de juventude como “uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns, os quais se referem à determinada faixa etária. Nessa perspectiva a juventude assumiria um caráter universal e homogêneo, sendo igual em qualquer lugar, em qualquer escola ou turno” (DAYRELL, 2009, p.16). Contudo, não há modelos nem homogeneização para os jovens, sendo necessário vislumbrar que “a juventude não é um ‘dom’ que se perde com o tempo, e sim uma condição social com qualidades específicas que se manifesta de diferentes maneiras segundo as características históricas sociais de cada indivíduo” (LEÓN apud BRITO, 1996, p.13). A diversidade é sua principal especialidade e o olhar diferenciado permite reconhecer a

heterogeneidade dos juvenis a partir das diversas realidades cotidianas nas quais se desenvolvem as distintas juventudes. (idem, p.14), ainda, “a categoria juventude foi concebida como uma construção social, histórica, cultural para designar com isso a dinamicidade e a permanente evolução/involução do mesmo conceito”. (idem, p.12).

Por isso que é tão desafiador conceituar *juventudes* quando se parte do entendimento que elas são muitas coisas ao mesmo tempo, constituídas de valores, gostos e práticas das formas mais gerais e diversas que possamos pensar ou acompanhar por meio de um preconceito sobre tal categoria, mas o esforço é significativo mesmo quando não se consegue “fechar” uma concepção, pois ela se altera cotidianamente diante das agitadas transformações da sociedade contemporânea. Esses são os jovens que fazem corpo deste trabalho.

A escola tem sido, portanto, um espaço privilegiado de expressão de uma multiplicidade de modos de ser jovem, que não correspondem a um modelo de sujeito definido apenas por idade, e sim, por uma composição plural, que inclui dimensões históricas, culturais, econômicas e políticas. Nos últimos anos, os estudos sobre juventude<sup>5</sup> como uma categoria plural – juventudes- têm ganhado força e mostrado que elas se constroem, em grande parte, dentro de instituições escolares, onde os jovens passam muito do seu tempo. Hoje, temos em nossas escolas outro “tipo de aluno” jovem, ou melhor, muitos tipos de alunos jovens, todos imersos numa atmosfera cultural que os coloca em permanente contato com representações diversas sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os sujeitos. Estas representações chegam massivamente até eles e são disseminadas rapidamente através da internet e através de grandes e pequenas mídias. É neste contexto que as representações de corpo circulam amplamente, produzindo significados sobre beleza, feiura, saúde, etc., e legitimando um padrão de corpo que passa a ser admirado, desejado e até mesmo naturalizado.

### **Pensando em representações de corpos belos, identidade e diferença**

Falando de uma maneira simples, o conceito de representação que mencionamos pode ser entendido como aquilo que pensamos que as coisas, os lugares e os sujeitos são. Este “ser” está implicado com uma identidade. Assim, quando falamos que alguém ou que algo “é” de determinado modo, estamos atribuindo-lhe uma identidade. Portanto, representar é mais do

---

<sup>5</sup> Poderia citar os estudos de Pais (2001), Abramo (1997), Sposito (1997), Peralva (1997), Garbin (2001), Feixa (1999), León (2005), Dayrell (2007, 2009) e outros.

que nomear as coisas; é mais do que dizer como elas são... Representar é produzir significados sobre elas, os quais são postos em circulação no próprio ato da representação.

Este entendimento de representação está inscrito na perspectiva dos Estudos Culturais e tem na linguagem a sua principal sustentação, na medida em que ela, a linguagem é tida como produtora das próprias coisas das quais fala. Segundo Silva (2000) “aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos descrevendo” (Silva, 2000, p. 93). Por isso, quando falamos não estamos somente fazendo uma simples descrição de uma situação ou de um objeto, mas estamos conferindo-lhes uma identidade. Assim, não se tem como deixar de apontar que a identidade e também a diferença estão estreitamente associadas ao sistema de representação. Dessa maneira, podem ser percebidas as características independentes entre a identidade e a diferença. A primeira é “aquilo que se é” e, autonomamente, faz referência sobre si própria com um caráter de autossuficiência que se articula diretamente a um sentido positivo. Já a diferença tem o movimento oposto e isso porque é caracterizada como “aquilo que o outro é” sendo relacionada a um sentido negativo, ou seja, a identidade está ligada a uma positividade e a diferença a uma negatividade. Então, dentro de toda essa dinâmica é significativo pensar que a identidade e diferença são produções socioculturais e, portanto, não são fenômenos naturais.

Ainda para Silva (2000), a identidade e diferença não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. “Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (idem, p.78). Ainda, é necessário salientar que elas são produzidas, ou seja, “elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (idem, p.76).

Na visão de Hall (1997) a sociedade não é um todo unificado, pois é caracterizada pela “diferença” por atravessamentos e divisões diferentes produzindo uma variedade de “posições do sujeito”. A identidade parcial, aberta tem características positivas, mas problemática porque rompe com a tradição, com as condições precedentes, a qual todos os indivíduos tinham que se afunilar. Em suma, fica evidente que as identidades ganham sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas. Nesse jogo de relações entre significado e cultura, é possível compreender as construções de certos binarismos que são consolidados através da produção de significados que envolvem relações de poder como homem/mulher, branco/negro, entre outros.

A representação cultural é, portanto, uma forma de saber que se detém e veicula sobre o “outro”, que faz pressuposições sobre o que o “outro” é e deixa de ser. Como se pode perceber, ela atua para classificar o mundo e as relações no seu interior.

Comungamos com Costa (2000, p.77) quando aponta que representações são “noções que se estabelecem discursivamente, instituindo significados segundo critérios de validade e legitimidade vinculados a relações de poder”. As representações não são fixas e em suas transformações expressam aproximação a um suposto “correto”, “verdadeiro”, “melhor”. Por meio de diversos símbolos a sociedade constrói um tipo de padrão, modelo que é representado como o belo, ideal, o certo e conveniente. Nesse sentido podemos compreender porque ser homem, branco, magro, heterossexual faz parte de um “ideal social” que é tipificado como o melhor, entretanto, o oposto é classificado como feio e defeituoso.

A sociedade, a partir das normas e padrões representa os sujeitos por meio de marcas, e os corpos como traço do visível é um espaço composto de inúmeros significados que, por sua vez, têm sido expressos geralmente por dois parâmetros: o bonito e o feio. Não tem como fugir dessas duas imposições que definem e determinam as identidades. Dentro de todo um padrão disseminado na sociedade, o corpo magro, branco é classificado como o belo, perfeito e almejado por todos, ao mesmo tempo em que os corpos gordos e negros, por exemplo, são caracterizados como feios. Segundo Woodward (2000, p.15) “o corpo é dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade”. É por meio do corpo que somos reconhecidos, e esses olhares constituem a nossa existência dando margem para considerarmos que ele não é contemplado somente numa dimensão dos conceitos biológicos, mas são territórios mutáveis, alvos de diversos investimentos e transformações.

Para se falar sobre o corpo precisamos argumentar sobre algumas concepções que permeiam sua construção, pois ocorreram várias mudanças em seu conceito e, constantemente, seu entendimento tem adquirido novas faces ao enfrentar inúmeras metamorfoses mais frenéticas nos últimos anos. É preciso compreender que o corpo é marcado e significado pela cultura dentro “de um processo de afirmação e diferenciação de identidades, em que o investimento no próprio corpo passa a responder às exigências de cada grupamento social” (FRAGA, 2006, p.72). Em suas análises sobre inscrições corporais relacionadas ao gênero e à sexualidade, Louro (2000) afirma que “Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam”. Ou seja, “o corpo é visto como a corte de

juízo final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (WEEKS, 1995 apud LOURO, 2000, p.14). Assim, “nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade” (LOURO, 2000, p. 14).

Na contemporaneidade o corpo é alvo de previsões que definem o esteticamente perfeito: “os corpos que vão encher os olhos e dar o que falar no futuro serão mais altos, esguios, com pouca gordura, mas sem músculos aparentes [...]” (LOURO, 2000, p.15), e nesse ínterim, a mídia não perde tempo em reforçar de inúmeras maneiras este mesmo discurso, (re) produzindo representações de um padrão ideal de corpo. Por isso que, problematizar o corpo como algo que é produzido pela cultura é, uma questão bastante complexa porque se aparta de concepções naturalistas, para então, contemplar mais significativamente o corpo nas dimensões históricas, sociais e culturais. Por meio dele os sujeitos são observados, classificados, explicados e tratados pelas inscrições corporais. “Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (GOLLNER, 2003, p.28).

Nesse ponto fica evidente o quanto o corpo tem dimensões múltiplas de análises e o quanto ele é produzido na/pela cultura. Por isso as representações de corpo não são universais nem fixas, já que elas são enunciadas a partir de um lugar e um contexto que é distinto dos demais. Camozatto (2007) aponta que “se o corpo fosse realmente esse ‘algo’ sobre o qual nascemos, teríamos, nas diferentes sociedades, os mesmos significados e usos sobre ele” (p. 62). Portanto, o corpo não escapa aos processos de significação, enquanto processos de luta em torno da construção de determinados significados (CAMOZATTO, 2007). Assim, “os modos como compreendemos e experienciamos os nossos corpos são tornados possíveis no interior de uma cultura que os inventa, os significa, que atribui valores sobre eles [...]” (idem, p.63). Nos últimos tempos tem sido consolidada uma representação hegemônica dos corpos reconhecidos como normais na mesma proporção que são destacados como belos.

Diante de tantos saberes/ pedagogias em circulação que têm reforçado tal representação está à mídia, que cotidianamente “fala” de nós, pelo que se veicula como também pelo que se camufla, além disso, “há, em suma, uma série de condições de possibilidade para que diferentes discursos e, por conseguinte, saberes, sejam investidos sobre os sujeitos, compondo as suas existências através de uma série de ensinamentos sobre como cuidar de si, do seu corpo[...]” (Camozaatto, 2007, p.66). Por meio de tantas informações providas dos instrumentos midiáticos os sujeitos jovens têm sido atingidos diretamente e, ao

mesmo tempo, sentem-se persuadidos a acompanharem as inovações da moda com seus últimos estilos e tendências com o objetivo básico de não serem marcados de antiquados ou quadrados por estarem agindo “fora” desse universo que possui a função de constituir as coisas que reflete, fabricando assim, identidades sociais. Desse modo os jovens, quase que inevitavelmente, acabam sendo envolvidos pelos discursos repetitivamente e fortemente circulados sobre beleza e saúde para que o corpo seja de certa forma (branco, magro, alto, sarado, musculoso...). Assim a identidade é marcada pela diferença nos meios de comunicação. A mídia com sua discursividade nos interpela, ensinando modos específicos de cuidar e valorizar os nossos corpos.

A partir das concepções abordadas até aqui, passamos a apresentar a seguir uma das representações de corpos encontradas nas narrativas que emergiram durante os encontros com os jovens que participaram de todo trabalho de conclusão de curso.

### **É porque tá na mídia<sup>6</sup>**

Neste momento, será apresentada uma das representações de corpos que surgiu em uma das recorrentes narrativas dos jovens que participaram do estudo, seja através das bricolagens<sup>7</sup>, seja através das suas falas. Estas representações de corpos estão relacionadas com discursos que versam sobre beleza. De antemão, salientamos que falar sobre os corpos belos tornou-se uma condição que possibilitou o surgimento de representações de feiura, já que o belo e o feio são construções discursivas relacionais: uma precisa da outra para existir.

Desde o primeiro encontro com os jovens, quando solicitamos que eles representassem através da técnica da bricolagem o que é um corpo belo e o que é um corpo feio, percebemos que a maioria das revistas selecionadas por eles para realizar o material solicitado eram revistas sobre a vida e eventos envolvendo pessoas famosas, como a *Caras* e a *Ti ti ti*. As chamadas revistas semanais de informação que coloquei a disposição, praticamente não foram escolhidas. Ao olhar para o material produzido pelos jovens, identificamos a predominância de imagens com a figura de pessoas famosas do mundo das telenovelas, de outros programas de televisão e das passarelas da moda.

---

<sup>6</sup> Este título que compõe esta análise foi extraído de excertos de falas dos jovens que participaram da pesquisa, constituindo-se em expressões significativas para as análises de cada representação de corpo presente nos materiais por eles produzidos.

<sup>7</sup> Bricolagem, nos dicionários, refere-se a um trabalho ou conjunto de trabalhos manuais, ou de artesanato. Neste sentido chamo de bricolagem a atividade realizada no primeiro encontro que tive com o grupo de alunos, pois ela envolveu uma montagem, uma construção que pudesse representar corpos belos e corpos feios.

Foi contatado que entre as 23 bricolagens, doze apresentaram famosos para representar o corpo belo. Esta relação entre os famosos e os corpos belos ganhou importância de fato, no segundo encontro, durante o grupo de conversa. Na ocasião, foi perguntado aos jovens sobre os famosos que apareceram nas bricolagens e que não correspondem ao ideário de beleza de corpos brancos, com cabelos lisos, alto, sorriso “perfeito”, como o jogador de futebol Neymar. Uma das falas que surgiram para comentar esta pergunta foi *é porque tá na<sup>8</sup> mídia*. Tal comentário permitiu-nos inferir sobre a importância das representações que se tem da própria mídia: ela é tida por muitos, como lugar de veiculação de verdades praticamente inquestionáveis a medida que são postas uma após outras. Nesse caso, o simples fato de uma pessoa aparecer na mídia regularmente, principalmente quando esta pessoa é narrada de forma positiva, confere-lhe um atributo de beleza que acaba sendo legitimado.

Diante do exposto, podemos pensar no quanto tudo que circula na mídia constrói um novo cenário de compreensão e interpretação do social para os jovens e o quanto toda movimentação midiática subjetiva os sujeitos. Um exemplo disso é a narrativa de uma jovem ao explicar sobre a beleza atribuída ao jogador de futebol Neymar. No seu comentário, a jovem ponderou que *ele é bonito, mas se andasse por aqui e não fosse famoso eu acharia feio*. Assim, pôde ser identificado uma representação de corpo que enfatiza a tênue relação entre ser famoso e ser bonito. Provavelmente, esta e outras representações são orquestradas pela mídia, e acabam por se constituir em ensinamentos para os jovens. Estes sujeitos são capturados pela mídia e suas representações, as quais indubitavelmente vão parar dentro da escola e, acaba revelando o quanto esta, é um espaço em potencial dessas configurações culturais permeadas por representações produzidas e disponíveis em outros espaços. Isso porque a instituição escolar está dentro de um mundo híbrido e estas reflexões parecem ser necessárias para além das paredes escolares. A frase *é porque tá na mídia* nos permite pensar, então, na mídia como uma instância que ensina maneiras de olhar, pensar o mundo e também a si mesmo.

Perceber o mundo pelo viés midiático possibilita algumas problematizações que não são esgotadas neste trabalho. A priori fica evidente o efeito desse mecanismo que opera de maneira eficiente na sociedade contemporânea, ao ponto do bonito variar ou ganhar configurações alicerçadas no que a mídia veicula e aponta. A mídia trabalha com os detalhes, porque eles são sutis podendo até ser “invisibilizados”, essas sutilezas são eficientes, tendo o “poder” de constituir os valores dos jovens, manipular os comportamentos pelos discursos

---

<sup>8</sup> As falas produzidas no grupo de conversa estão marcadas em itálico.

sobre beleza. Mesmo que se altere, alguns detalhes, para que não seja desmascarado os posicionamentos padronizados, por exemplo, o que via de regra outrora não fosse considerado como bonito, a mídia embeleza, enfeita com seus discursos, ideias, interesses o que antes era feio e assim num “passe de mágica” o embelezamento é consolidado, não podendo a “olhos nus” ser identificado em si sua padronização – Como o corpo do jogador Neymar que há um tempo não seria classificado como bonito, charmoso, como também do jogador Ronaldinho Gaúcho que foi tratado em uma das falas como um sujeito de estilo, em uma novo quadro pintado como bonito. Até porque eles são “garotos propagandas” Ou seja, a mídia manobra vários interesses, principalmente, para exaltar o consumo.

A mídia pode ensinar o que é feio e bonito, o perfeito e o defeituoso porque ela funciona como um mecanismo de classificação constituído por uma rede de relações de poder, por isso se divulga a padronização como ordem para se evitar os desvios, a feiura. É imprescindível, mais uma vez, convocar Silva (2000) que trata do conceito de diferença, retratando-a como uma entidade independente, é aquilo que o outro é, ato ou processo de diferenciação produzido no mundo social e cultural. Infelizmente, na perspectiva a diferença não é compreendida como desigualdade, e sim como algo característico do ser humano na produção da identidade. No entanto, a sociedade atribui uma representação negativa para a questão da diferença. No qual o ser diferente é considerado como estranho, não desejável, desarmonico, isto é, aquele (a) que anda na contramão do “padrão ideal” concebido pela sociedade, aquele (a) que desfigura toda uma orquestra pelo fato de querer cantar ou dançar uma música compreendida como transgressora. Esse padrão ideal geralmente é aquele “[...] do homem branco, europeu, de classe média, alfabetizado etc. e que a diferença é vista como seu oposto, como mulher negra, latina, pobre, não-alfabetizada etc.” (SKLIAR, 2001, p.22). Contrariando as tradições de normalização, homogeneidade e identidades subalternas (idem, p.23). O esclarecimento sobre a diferença, mesmo que impreciso, nos permite enxergar a ocupação, a função e a representação desta no espaço escolar, o qual é preenchido de ilimitadas identidades. Logo, todos realmente são diferentes, mas não precisamente desiguais.

Se olharmos para as representações de beleza dos corpos feitas pelos jovens, podemos constatar que eles se diferem em alguns aspectos, mas também partilham das mesmas características, como, por exemplo, a magreza, a cor da pele e os cabelos geralmente lisos. Foram poucas as representações de beleza que contemplaram cabelos cacheados. Entretanto em alguns momentos eles fazem algumas negociações que é uma estratégia de não generalizar e, nessa direção inventam um tipo de combinação. É bom perceber, antes de tudo, que os jovens compreendem que existe um padrão de corpo a ser perseguido, mas isso não

impede que eles sejam subjetivados por essas representações. Isto fica explícito nas imagens produzidas no primeiro encontro. Há, portanto, um padrão que representa a beleza, que é difícil de contrariar porque os jovens [e não somente os jovens!] não podem dizer o contrário porque são subjetivados por ele, mas ao mesmo tempo têm a necessidade de não se fechar neste ideal.

### **Considerações Finais**

As transformações produzidas no mundo contemporâneo propiciam inúmeros debates que circundam o cotidiano de vários sujeitos com suas peculiaridades e, também de espaços que se alteram constantemente, por meio destas transformações frenéticas. Estes espaços estão abertos para novos olhares que possibilitam análises, questionamentos futuros. Pensando neste mundo ambivalente e mestiço, procuramos tratar nesta escrita, de várias situações produzidas em todo cenário social que atingem os modos de ver e perceber o mundo, principalmente dos jovens. Portanto pensar nas representações que os sujeitos jovens de uma escola pública da cidade de Maceió possuem, ressaltou sobre a importância de contemplar as produções deste mundo provisório que altera o modo de ser, perceber e estar no mundo dos sujeitos.

Portanto, percorrendo as representações que os jovens têm sobre o corpo belo, indago que a mídia como uma pedagogia tem seduzido, atraído as pessoas ao trazer ensinamentos, que a princípio, capturam os olhares e direcionam as vidas dos sujeitos ao ponto que, com o tempo um tom de naturalidade é suscitado nas pessoas sobre diversas coisas do universo social. Sendo possível perceber o jogo automático de embelezamento dos famosos, os jovens literalmente ratificavam sobre uma beleza produzida por um reconhecimento do artista, por isso as seguintes falas *porque ele é muito gato; ele é lindo, ele é lindo – qualquer roupa assim que ele botar fica bom – os outros não!* Por isso compreendemos que esta pesquisa possibilitou pensar que nada é natural, mas uma produção. Depois de entender que a mídia tem operado como uma pedagogia na vida dos sujeitos jovens que estão na mira dela, foi possível fazer o movimento, mesmo que não simples, de enxergar que a mídia tem guiado a vida das pessoas num nível que elas mesmas nem percebem que passam a analisar esta vida por meio da pedagogia cultural que ensina muitas coisas ficando evidente este entendimento em uma fala gerada no grupo de conversa  *você tem que ir pela sua cabeça e não pela dos outros*, como persuadindo ao colega a agir por si e não por outros.

Nesse sentido os jovens da pesquisa têm uma concepção de padrão, do modelo, e portanto são guiados por ele ao ponto de identificarem o que é um corpo belo por meio da padronização, e conseqüentemente qual é o corpo feio pelo fato de não corresponder à fôrma, tais como: o corpo negro, gordo. Entretanto, eles realizam algumas negociações no sentido de amenizar a concepção de feiura que tem uma relação muito forte com a negatividade, e dessa maneira a exclusão é mascarada. Até porque a maioria dos jovens da pesquisa não está no padrão, mas foram subjetivados pelos discursos midiáticos. Os jovens não percebem o quanto esta pedagogia tem agido em suas vidas e, por este motivo, os estudantes ficam confusos em relação ao que pensam como se percebessem que suas compreensões não fossem propriamente deles. A negociação é um escape para tamanhas exigências que são difíceis de serem cumpridas, pois elas mudam continuamente. Entretanto esta negociação não serve no caso de extremismo - *eu me acho muito magra* como se considerasse a saída do equilíbrio, entretanto porque se é magra demais não há nenhum dano, como também a importância das amenizações quando o caso se refere a si mesmo - *magrinho, fortinho, cheinho*.

É interessante perceber que a escola é um lugar privilegiado de produção de representações, identidades e diferenças, por isso, devemos alargar o olhar para este espaço, que por muito tempo, foi entendido como separado das outras instâncias da sociedade, mas é um equívoco perpetuar tal entendimento discrepante. Ao reconhecer que a dinâmica da sociedade atinge a escola em “cheio”, e neste movimento ela assume novas configurações dos novos tempos. Nesse tempo os jovens precisam ser contemplados numa lente plural, pois eles não são um grupo em comum, mas diversas são suas expressões e modos de pensar o mundo. São estes sujeitos peculiares que estão no espaço escolar mudando o desenho deste lugar.

### **Referências bibliográficas:**

CAMOZATTO, Viviane Castro. **Habitantes da cibercultura:** corpos ‘gordos’ nos contemporâneos modos de produzir a si e aos ‘outros’. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Estudos culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2000, p.13-36.

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In: \_\_\_\_\_(org.) **Estudos culturais em educação:** mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2000, p.73-91.

\_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol.28, n.100- Especial, p.1105-1128, out.2007.

\_\_\_\_\_. Juventude e Escolarização: os sentidos do Ensino Médio. TV Escola, **Salto para o futuro**: Secretaria da Educação a distância, Ministério da Educação, ano XIX, boletim 18, 2009.

\_\_\_\_\_. A escola como espaço sociocultural. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: Soares, Carmen Lúcia (org). **Corpo e história**. 3 ed, Campinas: Autores associados, 2006, p.61-77.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.28-40.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_ (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva – 2. ed., 3ª reimpressão – Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.9-34.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção Social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, P.73-102.

SKLIAR, Carlos. Pluralismo X norma ideal. In: SCHMIDT, Sarai (org.). A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SOARES, Carmen L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: \_\_\_\_\_. **Corpo e história**. 3 ed., Campinas: Autores associados, 2006, p.109-129.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p.7-72.